

TELECRÓNICAS NR. 21**NO POUPAR É QUE ESTÁ O GANHO, publicada a 15 de Abril de 2020**

Quando trabalhava como directora de comunicação de uma multinacional do sector eléctrico, tinha uma frase chave que partilhava com os jornalistas, sempre que esgrimíamos argumentos sobre o tema dos altos preços da energia: a energia mais barata é aquela que não se consome.

Normalmente, tinha, do outro lado, reacções de surpresa: “Então, mas tu trabalhas numa empresa que vende energia e estás a dizer às pessoas para não consumirem? Não é um contra senso?”.

A minha resposta era “Não!”.

A explicação também era simples: a energia - tal como a conhecemos hoje e até se encontrar uma qualquer forma milagrosa, barata, limpa, fácil de armazenar e infindável de a produzir – é um bem finito e escasso. Logo, se eu quero manter um negócio rentável por muitos e bons anos o melhor é gerir bem aquilo que tenho para vender. Porque um dia, nem todo o dinheiro do mundo chegará para comprar uma coisa que deixa de existir.

Começo com o exemplo da energia porque é um tema que conheço bem e acompanhei muitos anos. Não é objetivo desta crónica discutir a maior ou menor bondade dos preços da energia e da forma como são gerados. A questão aqui é o que é que nós, como consumidores, podemos fazer para gerir melhor os nossos recursos: o dinheiro que temos e o que compramos com ele.

E, enquanto no caso da formação dos preços da electricidade não há muito que possamos fazer, já na forma como a consumimos Há. E muito! E o mesmo se passa com muitas outras coisas.

SOCIEDADE DE CONSUMO

Com o progresso económico, habituamo-nos - e bem - a questionar os preços das coisas e o que eles pesam na nossa carteira mas deixámos, também, de ter consciência do quanto os nossos comportamentos perante o consumo contribuem para isso.

A prosperidade, o aumento do poder de compra, a qualidade de vida de que estávamos sequiosos levou-nos, perante um clima de, por um lado, abundância de produtos e de rendimentos e, por outro, de preços e crédito acessíveis, a deixar de fazer essa avaliação.

Não é, claro, um problema estritamente português.

Fenómenos como a globalização, o advento de uma sociedade consumista (ideal de felicidade e realização que passa pelo consumo de bens e serviços), o incentivo ao consumo (preços baixos, promoções e saldos), o fácil acesso ao crédito, levaram, em todo o mundo (pelo menos o Ocidental), a uma quebra da poupança e a um aumento do consumo.



As consequências também são bem conhecidas, hoje, particularmente, depois da Crise de 2008: muitos passaram a consumir de forma irracional – a chamada compra por impulso – com recurso a créditos mal planeados, com impactos na carteira (sobre endividamento das famílias), no ambiente (alterações climáticas) e na saúde (doenças provocadas por hábitos alimentares e sociais incorrectos).

REEDUCAR PARA A POUPANÇA

A boa notícia, tal como eu pressenti em 2008 e nos anos que se seguiram, é que há muita coisa que cada um de nós pode fazer, sem grande esforço, para combater esses problemas e impactos. E eu acredito que, aquilo que se começou a mudar, timidamente, em 2008, pode agora, de novo em clima de crise global e mudança de paradigma, florescer e de forma, até, mais profunda.

Já aqui falei, noutra crónica, de um cenário mais complicado em que o combate a esta ou a outra epidemia nos obrigasse a períodos sazonais de “hibernação”, o que levaria a mudanças profundas no mundo do trabalho: mais teletrabalho, escritórios mais pequenos, menos deslocações e menos trânsito, etc. Essas mudanças, não dependem muito de nós, individualmente. Mas, a forma como nos comportamos no dia-a-dia, depende inteiramente de nós.

(RE)Aprender e (RE)Ensinar princípios úteis de poupança que ajudem a ajustar o estilo de vida a uma nova realidade mundial parece-me, assim, uma tarefa importante que pode ajudar a tornar o nosso horizonte menos incerto.

Mais uma vez, tal como sobre outros aspectos de que já aqui falámos, não é fácil alterarmos, de um dia para o outro, hábitos de muitos anos. Mas é simples ☺.

COMPORTAMENTOS DE POUPANÇA

Os objectivos que os nossos pais, e gerações anteriores, perseguiam quando davam tanta importância a comportamentos de poupança, estavam ligados a princípios sociais, culturais e de educação: o acto de poupar era valorizado e ensinado, poupava-se para estar preparado para o “amanhã” e ficar a dever era encarado como uma vergonha.

Hoje, a desmaterialização do dinheiro (cartões de débito e crédito) e a percepção de que haverá sempre um crédito fácil e disponível, fizeram com que esquecêssemos esses princípios. O tal “ideal de felicidade e realização que passa pelo consumo de bens e serviços” é que passou a ser bem visto. Independentemente do custo para a nossa carteira e para o ambiente.

Ora, se queremos estar sempre o melhor preparados possível para os momentos de menos abundância, então, é melhor ajustarmos, no nosso dia-a-dia, um conjunto de ferramentas que controlamos inteiramente. Não podemos controlar a evolução e o efeito prático das alterações climáticas nem o advento de uma crise económica, mas podemos gerir melhor o nosso orçamento familiar, apostar na educação financeira e no saber comprar, aprender a gerir melhor os recursos alimentares e a utilização e conservação da casa, equipamentos, transportes, roupas, etc. e, até, a forma como organizamos as férias, tudo isto pode ter um impacto positivo.

Amanhã vamos começar a falar de gestão da economia doméstica e, em detalhe, do que podemos, DE FACTO, fazer para contribuir para a sustentabilidade ambiental e, já agora, para a saúde da nossa carteira ☺.